

A FILOSOFIA ISLÂMICA MEDIEVAL COMO ANTECIPADORA DA DISCUSSÃO “CIÊNCIA E RELIGIÃO” NA CONTEMPORANEIDADE

  Felipe de Amorim Ferreira ^{1,*}

RESUMO

Este artigo analisa a relação entre razão e fé, bem como ciência e religião, destacando a influência do neoplatonismo na discussão contemporânea. Explorando a filosofia islâmica medieval e pensadores como Al-Farabi, Avicena e Averrois, que integraram os ensinamentos neoplatônicos em suas obras, o estudo ressalta o esforço pela reconciliação entre razão e fé. Argumenta-se que a discussão islâmica medieval antecipou o debate atual sobre a relação entre ciência e religião, enfatizando a complementaridade e o enriquecimento mútuo entre esses campos. O artigo busca enfatizar a importância desse diálogo integrador para uma compreensão mais ampla da relação entre razão e fé, ciência e religião.

Palavras-chave: Razão e fé. Ciência e religião. Neoplatonismo. Filosofia islâmica medieval. Diálogo integrador.

ABSTRACT

This article examines the relationship between reason and faith, as well as science and religion, with a particular focus on the influence of neoplatonism in the contemporary discourse. Exploring medieval Islamic philosophy and thinkers such as Al-Farabi, Avicenna, and Averroes, who incorporated neoplatonic teachings into their works, the study highlights the quest for reconciliation between reason and faith. It argues that the medieval Islamic discussion anticipated the current debate on the relationship between science and religion, emphasizing the complementary and enriching nature of these fields. The article emphasizes the importance of this integrative dialogue for a broader understanding of the relationship between reason and faith, science and religion.

Keywords: Reason and faith. Science and religion. Neoplatonism. Medieval islamic philosophy. Integrative dialogue.

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Mestre em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR).

Submissão: 01/2024

Aceite: 12/2024

***Autor correspondente:**

felippeamorim@hotmail.com

Como citar

FERREIRA, F. A. A filosofia islâmica medieval como antecipadora da discussão “ciência e religião” na contemporaneidade. *Praxis Teológica*, volume 20, número 1, e-2166, 2024. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2024v20n1.e2166>.



INTRODUÇÃO

Durante a Idade Média, caracterizada por transformações sociais, políticas e culturais, a filosofia islâmica desempenhou um papel de extrema relevância. Nesse período, ela floresceu, trazendo consigo uma rica herança filosófica que marcou profundamente o desenvolvimento do conhecimento. Uma das influências mais marcantes foi o neoplatonismo, corrente filosófica que ganhou destaque entre os pensadores islâmicos, influenciados por Plotino, o maior dos neoplatônicos. Sobre essa chegada da filosofia clássica no mundo islâmico, Catarina Belo (2012, p. 171) explica:

Do mesmo modo que várias disciplinas antigas do saber, tal como a medicina ou a astronomia, entre outras, a filosofia (designada em árabe como falsafa) entrou no mundo islâmico através da tradução de obras da antiguidade clássica e helenística para o árabe, ora diretamente do grego, ora indiretamente, através do siríaco Belo.

A filosofia islâmica na Idade Média foi fundamental para a preservação, tradução e disseminação das obras filosóficas clássicas gregas.¹ Ela permitiu que os estudiosos muçulmanos tivessem acesso ao legado filosófico do mundo antigo e fomentou a busca pelo conhecimento e a reflexão crítica. No entanto, foi a influência do neoplatonismo que proporcionou uma nova dimensão à filosofia islâmica medieval (GILSON, 1955)², a qual se desenvolveu por motivos religiosos, a saber, para entender o Alcorão³.

O neoplatonismo, ao enfatizar a contemplação mística, a união com o divino e a harmonia entre razão e fé, teve um impacto profundo nos filósofos islâmicos. Pensadores como Al-Farabi (872-950 d.C.), Avicena (980-1037 d.C.) e Averróis (1126-1198 d.C.) assimilaram os ensinamentos dessa corrente e os integraram em suas próprias obras filosóficas. A influência do neoplatonismo permitiu-lhes explorar questões filosóficas fundamentais, como a natureza do ser, a relação entre o divino e o humano, e o propósito da existência.

Dessa forma, a filosofia islâmica, com sua ênfase no neoplatonismo, desempenhou um papel significativo na formação do conhecimento medieval. Ela ofereceu uma abordagem filosófica única

¹Sobre filosofia medieval islâmica, consultar: HOUANI, George F. *Islamic Philosophy: Theology and Philosophy in the Medieval Islamic World*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1983. GUTAS, Dimitri. *Greek Thought, Arabic Culture: The Graeco-Arabic Translation Movement in Baghdad and Early 'Abbasid Society (2nd-4th/8th-10th centuries)*. London: Routledge, 1998.

² Historiador da filosofia, Étienne Gilson aprofunda essa influência do neoplatonismo na filosofia islâmica. No seu livro *History of Christian Philosophy in the Middle Ages* (1955), discute extensivamente a influência do neoplatonismo na filosofia medieval islâmica. Ele destaca que a filosofia islâmica desempenhou um papel crucial na preservação e na transmissão do conhecimento filosófico clássico grego, incluindo as obras dos neoplatonistas. Argumenta que os filósofos islâmicos, como Al-Farabi, Avicena e Averróis, assimilaram e integraram os ensinamentos neoplatônicos em suas próprias obras filosóficas. Esses pensadores islâmicos exploraram questões metafísicas, éticas e a relação entre razão e fé, buscando uma reconciliação entre esses aspectos. O neoplatonismo, com sua ênfase na contemplação mística, união com o divino e reconciliação entre razão e fé, teve influência profunda na formação do pensamento filosófico islâmico medieval. Gilson reconhece a importância dessa influência neoplatônica na filosofia islâmica medieval e destaca como a discussão sobre a reconciliação entre razão e fé, iniciada pelos filósofos islâmicos, antecipou debates posteriores acerca da relação entre ciência e religião. Sua análise mostra como o neoplatonismo cumpriu um papel significativo no desenvolvimento da filosofia islâmica medieval e sua interação com outras tradições filosóficas.

³ A laicidade não é uma característica da filosofia nem dos Estados no mundo islâmico.

e complexa que enriqueceu o pensamento medieval e exerceu influência sobre áreas como teologia, ética, ciência e jurisprudência.

Neste artigo vamos nos concentrar menos na história da filosofia islâmica e mais em um tema que foi muito forte nessa tradição filosófica: a conciliação entre razão e fé. Queremos comprovar que tal tema, muito valorizado na filosofia islâmica, foi uma antecipação das discussões sobre a aproximação ou não entre ciência e religião na contemporaneidade. Importa ressaltar essa questão para demonstrar que os filósofos islâmicos não têm méritos apenas na preservação dos textos de filosofia, mas também em discutir assuntos que seriam muito abordados centenas de anos depois.

A FILOSOFIA ISLÂMICA NA IDADE MÉDIA

Os estudiosos muçulmanos valorizavam muito o conhecimento e tinham uma sede incessante por aprender e compreender o mundo ao seu redor. Como resultado, empreenderam esforços significativos para traduzir e assimilar as obras filosóficas gregas clássicas.

A tradução de obras clássicas para o árabe foi uma contribuição inestimável da filosofia islâmica medieval. Os eruditos islâmicos traduziram meticulosamente textos filosóficos de várias disciplinas, incluindo filosofia, ciências naturais, matemática e medicina, entre outras. Esse cuidado permitiu que o conhecimento filosófico grego se tornasse acessível a estudiosos e acadêmicos muçulmanos, bem como a estudiosos judeus e cristãos que viviam no mundo islâmico.

Um dos principais centros de aprendizagem islâmicos durante essa época foi a Casa da Sabedoria⁴, localizada em Bagdá. Fundada pelo califa abássida Al-Ma'mun no século IX, tornou-se um importante centro intelectual e acadêmico. A instituição abrigava tradutores, estudiosos e filósofos de diversas áreas do conhecimento, trabalhando juntos na tradução e interpretação de textos filosóficos gregos. Essa iniciativa colaborativa resultou em uma ampla disseminação do conhecimento filosófico na região.

Além da tradução, os filósofos islâmicos também desenvolveram comentários, interpretações e sistemas filosóficos próprios, que foram influenciados tanto pela tradição filosófica grega quanto pela própria tradição islâmica. Al-Farabi, Avicena e Averróis produziram obras que refletiam uma síntese única de ideias e conceitos filosóficos, abrangendo questões como a natureza do ser, a ética e a metafísica.

O NEOPLATONISMO E SUA INFLUÊNCIA

O neoplatonismo exerceu influência significativa na filosofia islâmica durante a Idade Média. Essa corrente tinha como características essenciais a contemplação do divino e a união mística com

⁴ Para mais informações sobre a Casa de Sabedoria, consultar: LYONS, Jonathan. *A Casa da Sabedoria: como a valorização do conhecimento pelos árabes transformou a civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

a realidade transcendente, estabelecendo uma ponte entre a filosofia grega e a tradição islâmica⁵.

Os já mencionados pensadores islâmicos Al-Farabi, Avicena e Averróis assimilaram os ensinamentos neoplatônicos e os incorporaram em sua própria filosofia, adaptando-os à luz da fé e da cultura islâmica. Eles reconheceram a importância da contemplação e da busca por uma compreensão mais profunda da realidade. Ao se apropriarem dos princípios do neoplatonismo, puderam expandir e aprofundar o pensamento islâmico medieval.

A hierarquia dos seres é um dos principais conceitos do neoplatonismo. Ela postula uma escala de existência, desde a matéria mais inferior até o Uno supremo, o princípio absoluto de todas as coisas. Essa hierarquia reflete a crença de que o divino permeia e transcende todo o universo e de que a jornada do indivíduo é buscar a união mística com essa realidade superior.

A contemplação mística é outra ideia central do neoplatonismo, enfatizando a importância da busca interior pela verdade e a experiência direta do divino. Por meio dela, o indivíduo se esforça para transcender as limitações da razão discursiva e alcançar uma compreensão intuitiva da realidade transcendente.

Além disso, os pensadores islâmicos que se inspiraram no neoplatonismo tentaram reconciliar a razão e a fé. Eles argumentaram que a razão não era contrária à fé, mas, ao contrário, podia ser uma ferramenta poderosa para aprofundar a compreensão da verdade religiosa⁶. Eles defenderam a harmonia entre a razão e a revelação divina, acreditando que ambas eram vias complementares para se alcançar a verdade⁷.

Assim, a influência do neoplatonismo na filosofia islâmica medieval proporcionou uma estrutura conceitual rica para a exploração de questões metafísicas, éticas e religiosas. A hierarquia dos seres, a contemplação mística e a reconciliação entre razão e fé forneceram um alicerce filosófico sólido para os pensadores islâmicos mergulharem em temas cruciais visando à compreensão do mundo e da existência humana.

Em suma, essa corrente exerceu profunda influência na filosofia islâmica durante a Idade Média. A assimilação dos ensinamentos neoplatônicos por filósofos islâmicos como Al-Farabi, Avicena e Averróis favoreceu a expansão do pensamento islâmico, propiciando uma abordagem mais contemplativa e integradora entre a razão e a fé. A incorporação desses conceitos neoplatônicos enriqueceu a filosofia islâmica medieval, ampliando as fronteiras do conhecimento e oferecendo uma base sólida para a reflexão filosófica.

Os filósofos islâmicos, ao adotarem o neoplatonismo, não apenas se apropriaram de seus conceitos, mas também desenvolveram interpretações e abordagens únicas. Al-Farabi⁸, que, “em sua época, foi o mais refinado comentarista de Aristoteles” (ISKANDAR, 2011, p. 18), explorou a ideia

⁵ Para mais informações sobre o neoplatonismo, consultar: REALE, Geovanni. *Plotino e o neoplatonismo. História da filosofia grega e romana*. São Paulo: Loyola, 2008. v. 8. BEZERRA, Cicero Cunha; SILVA, Nilo César Batista (orgs.). *Estudos de neoplatonismo e filosofia medieval*. Curitiba: CRV, 2020.

⁶ A filosofia islâmica foi desenvolvida com a finalidade de entender melhor as questões religiosas, especialmente o Alcorão.

⁷ Esse pensamento esteve muito presente na discussão sobre ciência e religião centenas de anos depois no mundo contemporâneo.

⁸ Segundo o especialista em filosofia islâmica, professor Jamil Ibrahim Iskandar, em seu livro *Compreender Al-Farabi e Avicena* (Petrópolis: Vozes, 2011), “nada conhecemos de sua juventude [de Al-Farabi]; ele não escreveu sua biografia e tampouco algum dos seus discípulos o fez” (p. 17).

de uma alma racional que busca a união com a realidade divina mediante o conhecimento e a virtude. Ele viu a filosofia como um caminho para a purificação da alma e a busca pela verdade.

Avicena, outro importante filósofo islâmico, aprofundou a teoria da contemplação mística, destacando sua importância para o alcance da verdade e a obtenção do conhecimento intuitivo. Ele desenvolveu a noção de um “intelecto ativo” que está em contato direto com o mundo das ideias e pode atingir uma compreensão profunda da realidade⁹.

Averróis¹⁰, por sua vez, explorou a relação entre razão e fé, argumentando que ambas eram necessárias para uma compreensão completa da verdade. Ele defendeu a ideia de que a razão e a filosofia se mostrava essencial para interpretar corretamente as revelações religiosas, permitindo uma compreensão mais profunda da fé.

Esse filósofo, de maneira especial, teve grande influência sobre a vida acadêmica ocidental. Comentando a importância dele para o contexto universitário ocidental, Libera (2005, p. 50) diz:

Sua visão de Aristóteles valeu-lhe destacada posição na Universidade Ocidental, onde foi, durante cerca de quatro séculos, uma figura tão importante quanto controversa (e, diga-se de passagem, frequentemente mal interpretada, ou mesmo distorcida), com uma influência extraordinária na escolástica, de modo particularmente importante, em São Tomás de Aquino.

Nesse sentido, podemos dizer que a filosofia ocidental deve agradecimentos à filosofia islâmica, pois a primeira se beneficiou muito dos trabalhos de tradução da segunda. A influência do neoplatonismo na filosofia islâmica da Idade Média transcendeu as fronteiras religiosas e culturais, impactando o pensamento ocidental. As traduções e interpretações dos filósofos islâmicos preservaram e transmitiram o conhecimento filosófico grego para o mundo medieval, contribuindo para o Renascimento europeu posteriormente.

Os pensadores islâmicos assimilaram os ensinamentos neoplatônicos, adaptando-os à sua própria tradição filosófica e religiosa. Por meio da hierarquia dos seres, da contemplação mística e da reconciliação entre razão e fé, eles expandiram o conhecimento e promoveram uma visão integrada do mundo e da existência humana. A filosofia islâmica, enriquecida pela influência do neoplatonismo, deixou um legado duradouro e continua a ser fonte de inspiração e reflexão até os dias de hoje.

A RECONCILIAÇÃO ENTRE RAZÃO E FÉ

A reconciliação entre razão e fé foi um dos aspectos centrais da filosofia islâmica na Idade Média, especialmente pelo fato de os filósofos terem sido influenciados pelo neoplatonismo. Esses pensadores buscaram harmonizar o conhecimento filosófico com os ensinamentos religiosos, reconhecendo a complementaridade entre essas duas formas de conhecimento.

⁹ Para aprofundar o conhecimento sobre Avicena, consultar: AVICENA. *A origem e o retorno*. Tradução de Jamil Ibrahim Iskandar. São Paulo: WMF Martins Fontes - POD, 2022.

¹⁰ Consultar: AVERROIS. *Discurso decisivo de Averrois*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Al-Farabi, por exemplo, defendeu a ideia de que a filosofia e a religião tinham objetivos semelhantes: ambas buscavam a verdade e a virtude. Ele acreditava que a razão era uma ferramenta essencial para a compreensão do mundo e da existência humana, já a religião fornecia orientação moral e espiritual. Também advogava que a reconciliação entre razão e fé envolvia a aplicação da razão para interpretar e entender corretamente os ensinamentos religiosos, a fim de atingir uma compreensão mais profunda da verdade.

Avicena também explorou a reconciliação entre razão e fé. Ele argumentou que a razão e a filosofia eram meios para se chegar ao conhecimento e à verdade, mas reconheceu que havia limitações para o alcance da razão humana. Viu a fé religiosa como uma forma de conhecimento que ia além da razão discursiva, permitindo uma conexão direta com a realidade divina. Para o filósofo, a reconciliação entre razão e fé envolvia reconhecer a complementaridade dessas duas formas de conhecimento e integrá-las em uma busca unificada pela verdade.

Averróis também abordou essa reconciliação, mas sob uma perspectiva ligeiramente diferente. Ele acreditava que a filosofia e a religião tinham diferentes propósitos e formas de conhecimento, mas não eram incompatíveis¹¹. Defendia a existência de uma “dupla verdade”, na qual a filosofia e a religião poderiam ter conclusões distintas, mas igualmente válidas em suas respectivas esferas. O filósofo viu a reconciliação entre razão e fé como uma aceitação de ambas as verdades, reconhecendo a autonomia da razão no domínio filosófico, e a autoridade da fé, no domínio religioso.

Gostaria de me deter um pouco mais em Averróis e no tema da aproximação entre razão e fé. O filósofo árabe estava antecipando em muitos séculos a discussão ocidental sobre a conciliação ou não entre razão e fé. No Ocidente, o assunto seria amplamente tratado a partir da pergunta: ciências e religião são antagônicas?

O livro *Discurso decisivo* (2005), de Averróis, trata da relação entre razão e fé e argumenta que ambas são importantes e devem ser harmonizadas. O autor defende que a razão e a filosofia podem levar ao conhecimento e à compreensão, ao passo que a fé é essencial à vida espiritual e religiosa. Argumenta que a verdadeira fé não deve entrar em conflito com a razão, mas ser complementar a ela. Também acredita que a razão humana pode nos levar a entender melhor o mundo e suas leis naturais, já a fé nos fornece uma perspectiva espiritual e moral.

Segundo Averróis, a razão pode ajudar a interpretar textos religiosos de maneira mais coerente e aprofundada, permitindo uma compreensão mais clara dos ensinamentos religiosos. Ele enfatiza a importância de usar a razão para interpretar adequadamente os princípios e os ensinamentos da fé.

No entanto, o filósofo também destaca que a razão tem limites e que certos aspectos da fé podem transcender a compreensão racional. Ele reconhece que há mistérios e aspectos da fé que não podem ser totalmente compreendidos pela razão humana e que a fé também pode oferecer um significado e uma direção além do alcance da razão.

Em resumo, Averróis argumenta em *Discurso decisivo* que a razão e a fé são complementares e podem ser unidas de forma a enriquecer nossa compreensão do mundo, da moralidade e da espiritualidade. Ele defende a importância de uma abordagem equilibrada, em que a razão ilumine a fé, e a fé inspire e dê significado à razão.

¹¹ Averróis é o filósofo islâmico que mais se aproxima do argumento contemporâneo de harmonização entre ciência e religião.

A FILOSOFIA ISLÂMICA ANTECIPOU UMA DISCUSSÃO DA FILOSOFIA CRISTÃ

Não podemos falar em conflito entre ciência e religião na Idade Média e em boa parte da Idade Moderna, pois esses conceitos ainda não existiam. Eles são recentes do ponto de vista histórico, basicamente são contemporâneos a nós. Isso é o que defende Peter Harrison (2017). Seríamos anacrônicos, segundo ele, caso disséssemos de conflitos entre ciência e religião no Ocidente antes da contemporaneidade. Isso deixa Averróis ainda mais à frente do seu tempo.

Em seu livro *Os territórios da ciência e da religião*, Harrison explora a interação histórica entre ciência e religião. Argumenta que as fronteiras entre esses dois domínios não são fixas e imutáveis, mas construções sociais e históricas que mudam ao longo do tempo. O autor examina como as ideias religiosas moldaram o desenvolvimento da ciência, destacando que as crenças religiosas forneceram o contexto intelectual no qual a ciência moderna surgiu. Enfatiza que muitos cientistas pioneiros foram motivados por sua fé e procuraram entender a natureza como forma de adorar a Deus¹².

No entanto, Harrison também discute os momentos de conflito entre ciência e religião através história, como o caso de Galileu e o debate em torno da teoria da evolução de Darwin. Ele analisa como esses conflitos refletiram mudanças nas crenças religiosas e na autoridade religiosa, bem como no crescimento do poder da ciência como uma forma de conhecimento.

O autor argumenta que a separação entre ciência e religião, muitas vezes considerada uma oposição irreconciliável, é um fenômeno relativamente recente. Ele sugere que essa separação está enraizada em transformações sociais, políticas e intelectuais que ocorreram nos últimos séculos, especialmente com a ascensão do método científico e a secularização¹³ da sociedade.

Ao longo do livro, Harrison ressalta a importância de entender a complexa interação entre ciência e religião, evitando visões simplistas que retratam essas esferas como necessariamente conflitantes. Ele advoga que uma abordagem mais sutil e contextualizada é necessária para compreender como esses domínios se relacionaram ao longo da história.

Harrison, portanto, apresenta argumentos de que as fronteiras entre ciência e religião são construções históricas em constante mudança. Ele enfatiza a influência mútua dessas esferas e a relevância de uma análise cuidadosa para compreender sua complexa relação ao longo do tempo.

O debate sobre as fronteiras entre ciência e religião é amplo e tem diferentes visões. Contudo, é cada vez maior o número de intelectuais que concorda em que não precisa haver uma ruptura entre

¹² Nesse ponto há uma grande aproximação entre islamismo e cristianismo.

¹³ Aqui o termo *secularização* tem o sentido de ocultamento da religião e de Deus, ou do “encarceramento” destes dois aos “ambientes religiosos”. Essa visão não é a mais correta no entendimento do autor deste artigo. Defendemos com mais veemência a visão do filósofo canadense Charles Taylor, que considera a secularização mais adequada aquela que garante que todas as vozes religiosas e não religiosas tenham o direito de se manifestarem no espaço público (em qualquer discussão) sem que sejam feitos juízos de valores a respeito do peso do seu argumento. Sobre isso, indicamos: TAYLOR, Charles. How to define secularism. In: STEPAN, Alfred; TAYLOR, Charles (eds.). *Boundaries of toleration*. Columbia University Press, 201, p. 59-78.

esses dois mundos; ao contrário, pode haver harmonia entre eles, considerando que são ciências “amigas”. Teologia e ciências naturais podem caminhar juntas.

A teologia cristã se aproxima das ciências naturais muito mais do que defendem alguns cientistas ateus ou agnósticos¹⁴. Em vez de haver oposição entre ciência e religião cristã, existe uma espécie de complementaridade. De acordo com a teologia cristã conservadora, o mundo é criação divina, e “se o mundo é de fato uma criação de Deus, então deve haver razões ontológicas para um diálogo teológico com as ciências naturais” (MCGRATH, 2016, p. 35). Em outras palavras, na visão cristã, não há conflito entre ciência e religião, pelo contrário. Quando um cientista entra em seu laboratório ou está em meio à natureza fazendo pesquisas, ele está descobrindo os “segredos” que Deus deixou na fauna e na flora. A partir desse prisma, é possível sugerirmos uma “relação positiva entre teologia cristã e as ciências naturais” (MCGRATH, 2016, p. 34).

A relação entre ciência e religião tem sido um tópico de discussão no decorrer da história. Alister McGrath, teólogo e cientista, conforme mostrado acima, oferece uma perspectiva interessante sobre como esses dois campos podem interagir de maneira complementar. Sua abordagem busca um diálogo construtivo e uma compreensão mais profunda da realidade.

McGrath defende que a ciência e a religião apresentam diferentes focos e metodologias, mas podem contribuir mutuamente. Ele enfatiza que a ciência busca entender as leis e os mecanismos naturais, já a religião explora questões de significado e propósito existencial. Em seu livro *A Fine-Tuned Universe* (2009), trabalha essa visão de que esses domínios se complementam, por isso não precisam estar “encarcerados” em campos isolados.

Para o autor, a interdisciplinaridade é fundamental, pois promove a colaboração e o diálogo entre cientistas e teólogos, reconhecendo que ambos os campos são necessários a uma compreensão mais completa da realidade. Ele ressalta que a integração de perspectivas científicas e religiosas pode enriquecer nossa compreensão global do mundo.

Contrariamente à visão de um conflito irreconciliável entre ciência e religião, McGrath busca identificar pontos de convergência e harmonia. A seu ver, a tensão entre as duas esferas pode ser superada por meio do respeito mútuo e do diálogo contínuo. Ao adotar uma visão interdisciplinar, podemos apreciar a riqueza que a ciência e a religião oferecem para nossa compreensão da realidade.

A relação entre ciência e religião tem sido explorada por diversos teóricos renomados, cada um com suas credenciais científicas e uma visão única sobre a aproximação desses dois campos. É muito amplo o espectro de teóricos que tratam dessa relação e defendem, cada um sob sua perspectiva, a aproximação entre ciência e religião.

Ian Barbour, físico, teólogo e professor emérito de Física e Ética da Ciência na Universidade de Stanford, propôs um modelo de diálogo entre ciência e religião, destacando quatro abordagens principais: conflito, independência, diálogo crítico e integração. Em seu livro *Religion and Science: Historical and Contemporary Issues* (1997), explora essas abordagens e discute como elas podem contribuir para uma compreensão mais profunda da relação entre ciência e religião.

Polkinghorne, em sua obra *Science and Theology: An Introduction* (1988) defende a compatibilidade entre ciência e teologia, reconhecendo que cada uma apresenta suas próprias

¹⁴ Como exemplo desse opositores, consultar: DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. HARRIS, Sam. *Carta a uma nação cristã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

metodologias e objetivos distintos. A ciência busca compreender os aspectos empíricos do mundo natural, já a teologia explora questões de significado, propósito e valores humanos. Ele enfatiza a importância do diálogo construtivo entre ciência e teologia, acreditando que esses campos podem se complementar, oferecendo perspectivas enriquecedoras acerca da realidade.

Além disso, Polkinghorne destaca o papel da teologia na interpretação das descobertas científicas, proporcionando um quadro interpretativo mais amplo que coloca a ciência em um contexto mais abrangente de compreensão da existência humana e do cosmos. Também reconhece a presença do mistério tanto na religião quanto na ciência, afirmando que a ciência pode fornecer explicações detalhadas, mas há aspectos fundamentais que permanecem abertos à exploração teológica.

Francisco J. Ayala, geneticista, filósofo e professor emérito de Biologia e Filosofia na Universidade da Califórnia, defende a complementaridade entre ciência e religião, enfatizando que a ciência busca responder “como” as coisas acontecem, ao passo que a religião explora o “porquê” e o significado desses eventos. Também examina a relação entre a teoria da evolução e a fé religiosa em seu artigo "Darwin's Gift to Science and Religion" (2007).

Arthur Peacocke, bioquímico, teólogo anglicano e professor de Bioquímica na Universidade de Oxford, propõe uma abordagem evolutiva da relação entre ciência e religião. Em seu livro *Theology for a Scientific Age: Being and Becoming – Natural, Divine, and Human* (1993), ele busca integrar a teoria da evolução com a teologia, enfatizando a continuidade e a interconexão entre os processos naturais e a ação divina.

Tiago Garros (2023) faz uma exposição das duas mais comuns posições no embate contemporâneo entre ciência e religião. Em seu artigo "Os termos 'ciência' e 'religião' ao longo da história", publicado no *site Cristãos na Ciência*, o autor explora a evolução da relação entre ciência e religião ao longo do tempo, destacando as principais ideias que moldaram essa interação. O texto apresenta duas perspectivas principais em relação a essa relação: o conflito e a complementaridade. A visão de conflito sugere que ciência e religião são áreas de conhecimento em oposição e que estão constantemente em conflito. Nessa abordagem, acredita-se que a ciência busca explicar o mundo natural de forma objetiva e racional, já a religião lida com questões espirituais e metafísicas que vão além da compreensão científica. Essa perspectiva muitas vezes resulta em um cenário de antagonismo entre as duas esferas, com exemplos históricos de conflitos entre a ciência e as instituições religiosas.

Por outro lado, o artigo também enfatiza a visão de complementaridade, que reconhece que ciência e religião abordam aspectos distintos da realidade e podem coexistir harmoniosamente. Nessa perspectiva, a ciência busca responder perguntas sobre o “como” e o “porquê” do mundo natural, e a religião se dedica a questões de significado, propósito e valores morais. A complementaridade entre elas é exemplificada por cientistas que encontram inspiração em suas crenças religiosas para explorar o mundo natural e, ao mesmo tempo, identificam na ciência uma apreciação ainda maior pela complexidade e maravilha do universo.

Garros argumenta que é importante superar polarizações simplistas entre ciência e religião e adotar uma abordagem mais integrada. Reconhecer a complementaridade dessas duas esferas pode

levar a uma compreensão mais completa do mundo. Além disso, ambas podem cumprir papéis relevantes em favor de respostas significativas e promoção de um diálogo construtivo.

A revisão feita acima demonstra que o pensamento de aproximação entre ciência e religião não é uma exceção entre cientistas de alto gabarito científico¹⁵. É cada vez mais comum que as barreiras entre ciência e religião caiam e que pontes sejam criadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia islâmica na Idade Média desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento do conhecimento e na formação da cultura intelectual. A influência do neoplatonismo nesse contexto foi de suma importância, permitindo uma abordagem filosófica mais abrangente e a reconciliação entre razão e fé.

Os filósofos islâmicos, como Al-Farabi, Avicena e Averróis, deixaram contribuições significativas para o pensamento medieval. Eles assimilaram os ensinamentos neoplatônicos, adaptando-os à tradição islâmica e explorando questões metafísicas, éticas e religiosas. Suas obras refletiram uma procura incessante pelo conhecimento e uma visão integrada do mundo.

O legado da filosofia islâmica e do neoplatonismo é duradouro. Eles deixaram uma marca indelével no pensamento ocidental, influenciando áreas como teologia, ética, ciência e filosofia. A busca pela reconciliação entre razão e fé, a valorização da contemplação mística e a exploração das questões fundamentais da existência humana continuam a ressoar nos debates intelectuais até os dias de hoje.

É importante enaltecer a coragem dos filósofos islâmicos em tratar desses assuntos, antecipando em séculos o tema da ciência e religião tão discutido na contemporaneidade. Destacamos que a aproximação defendida pelos filósofos islâmicos entre razão e fé é possível ser vivida em termos atuais na aproximação entre ciência e religião..

REFERÊNCIAS

AVERROIS. **Discurso decisivo de Averrois**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

AVICENA. **A origem e o retorno**. Tradução de Jamil Ibrahim Iskandar. São Paulo: WMF Martins Fontes - POD, 2022.

AYALA, Francisco J. **Darwin's Gift to Science and Religion**. Washington: Joseph Henry Press, 2007.

BARBOUR, Ian. **Religion and Science: Historical and Contemporary Issues**. San Francisco: HarperOne, 1997.

¹⁵ O autor deste artigo não necessariamente concorda com cada detalhe das visões dos teóricos aqui apresentados. Contudo, concorda com a visão geral de que ciência e religião não precisam ficar em campos opostos e isolados. Elas podem conviver em harmonia e conversar pacificamente.

- BELO, Catarina. **Existência, causa, essência**: estudos sobre filosofia teologia islâmicas. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2012.
- BEZERRA, Cicero Cunha; SILVA, Nilo César Batista (orgs.). **Estudos de neoplatonismo e filosofia medieval**. Curitiba: CRV, 2020.
- DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GARROS, Tiago. Os termos “ciência” e “religião” ao longo da história. **Cristãos na Ciência**, 8 abr. 2019. Disponível em: <https://cristaosnaciencia.org.br/os-termos-ciencia-e-religiao-na-historia/>. Acesso em: 16 jun. 2023.
- GILSON, Étienne. **History of Christian Philosophy in the Middle Ages**. New York: Random House, 1955.
- GUTAS, Dimitri. **Greek Thought, Arabic Culture**: The Graeco-Arabic Translation Movement in Baghdad and Early 'Abbasid Society (2nd-4th/8th-10th centuries). London: Routledge, 1998.
- HARRIS, Sam. **Carta a uma nação cristã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HARRISON, Peter. **Os territórios da ciência de da religião**. Viçosa: Ultimato, 2017.
- HOUANI, George F. **Islamic Philosophy**: Theology and Philosophy in the Medieval Islamic World. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1983.
- ISKANDAR, Jamil Ibrahim. **Compreender Al-Farabi e Avicena**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LYONS, Jonathan. **A Casa da Sabedoria**: como a valorização do conhecimento pelos árabes transformou a civilização ocidental. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- MCGRATH, Alister E. **A ciência de Deus**: uma introdução à teologia científica. Viçosa: Ultimato, 2016.
- MCGRATH, Alister. **A Fine-Tuned Universe**: The Quest for God in Science and Theology. Westminster: John Knox Press, 2009.
- PEACOCKE, Arthur. **Theology for a Scientific Age**: Being and Becoming – Natural, Divine, and Human. Minneapolis: Fortress Press, 1993.
- POLKINGHORNE, John C. **Science and Theology**: An Introduction. Minneapolis: Fortress Press, 1998.
- REALE, Giovanni. **Plotino e o neoplatonismo**. História da filosofia grega e romana. São Paulo: Loyola, 2008. v. 8.

TAYLOR, Charles. How to define secularism. *In*: STEPAN, Alfred; TAYLOR, Charles (eds.). **Boundaries of toleration**. New York. Columbia University Press, 2014, p. 59-78.